

O retrato da medicina

Gilles Cezares Martins e Silva



Dr. Zbigniew Religa.

A atividade da medicina, em seus mais variados campos, é pouco retratada. Quando se tem espaço, em alguns segundos na televisão, é para fins práticos: o que se deve comer ou não, a importância de atividades físicas e outras fórmulas para uma vida saudável; ou, quando se trata de denúncias sobre a saúde pública, a velha câmera escondida a delatar corredores repletos de pacientes e o suposto descaso médico, cujo profissional, sem distinção, é sumariamente condenado pela ineficiência e imoralidade da

gestão pública e frequentemente admoestado, como se político fosse.

Na ficção, alguns seriados famosos, *reality shows*...

Em todos os casos, são retratos superficiais, dramatizados, feitos para o consumo imediato da audiência, incapazes de narrar a realidade e a riqueza de suas interações.

Dentre os poucos retratos que conseguem transmitir a verdadeira essência da profissão, dois são de notável destaque.



Dr. Leonid Rogozov.

Durante uma expedição à Antártida, o cirurgião russo Leonid Rogozov começou a sentir fortes dores no lado direito do abdômen, e não demorou muito para diagnosticá-las como sintomas de apendicite aguda. Único médico do grupo e experiente nesse tipo de procedimento, decidiu realizar a cirurgia em si mesmo. Deitado em uma sala improvisada, fez uso de anestesia local, para não perder as faculdades mentais, e iniciou os trabalhos.

O grande momento da imagem é o olhar calmo direcionado ao próprio ventre, uma mancha escura que se destaca sobre a branquidão dos lençóis e de seu traje. Com as próprias mãos, ele se corta, se investiga e se cura. Apesar das dificuldades que enfrentou durante o procedimento, o retrato é o do verdadeiro médico, que, ao se cuidar, trata os males dos outros, e, ao cuidar dos outros, cura a si mesmo.

O cirurgião polonês Zbigniew Religa foi fotografado após vinte e três horas de cirurgia ao lado do paciente cujo coração havia acabado de transpor. Ele, cirurgião, sentado com os cotovelos apoiados acima dos joelhos, o torso encurvado, diante do heroico esforço para salvar um semelhante de quem a vida por pouco não desertara. O detalhe também fica para os olhos. Diferentes da postura

cansada, eles ainda conservam energia e atenção. Os assistentes dormem – um deles aparece ao fundo da imagem, no chão, em profundo descanso – o paciente, em seu leito médico, a repousar; mas o médico permanece atento, de olhar fixo em algum ponto fora do quadro, assim como as mãos, dispostas a uma nova intervenção, até que a vida se torne uma certeza.

A propósito, o próprio significado do verbo transplantar, "arrancar de um lugar para plantar em outro", demonstra a natureza sublime do retrato, pois o que é mais característico da humanidade, e tanto mais vital, que o próprio ato do cultivo?

Não é necessário ser fotógrafo para notar que, nobre e essencial que é, faltam retratos da atividade médica.

Mas por quê?

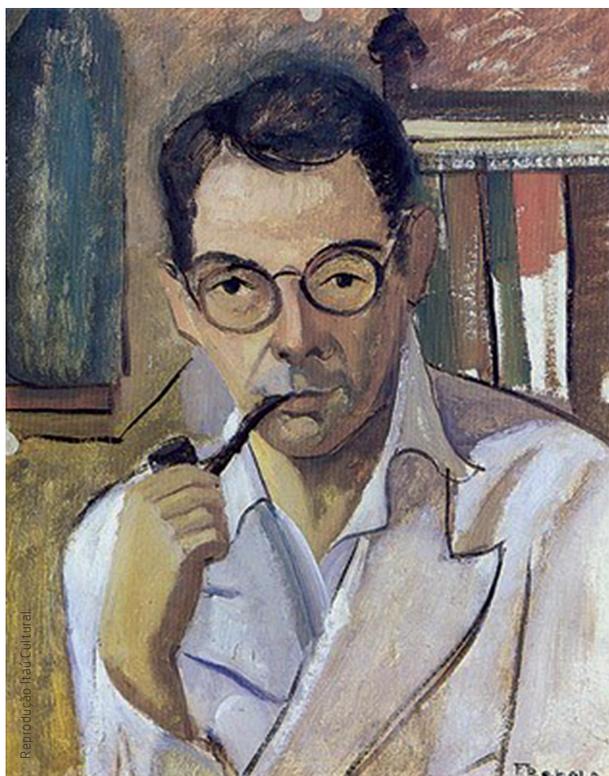
Talvez o pai, Hipócrates, a quem a frase a seguir é creditada, já tenha explicado. Disse ele sobre a profissão, sobre os próprios médicos:

Muitos admiram, poucos conhecem.

Osório Cesar

CARTOGRAFIAS RESTAURADAS

Regiane Mendes



Osório Cesar, por Francisco Reboló, 1939.

Osório Thaumaturgo Cesar (João Pessoa-PB, 17/11/1894 – Franco da Rocha-SP, 03/12/1979), violonista, dentista, médico anatomopatológico, crítico de arte e escritor.

O jovem violonista paraibano, descendente de "uma família de músicos de talento", desembarcou em São Paulo em 1912 e passou a integrar o conjunto musical "Pessoal da Lira", ao lado do maestro Souza Lima nos encontros artísticos-literários promovidos pelo senador Freitas Valle, na Villa Kyriall – conhecido reduto de intelectuais, artistas e políticos da *Belle Époque* paulistana. Nesse mesmo período, ingressou no curso de Odontologia na Universidade Livre de São Paulo, os principais periódicos o apontavam como exímio violinista dos saraus promovidos

por alunos da Universidade Livre de São Paulo no Salão do Conservatório Dramático Musical. Formado em Odontologia, matriculou-se no curso de Medicina (1917), dividiu-se entre o curso de medicina e as aulas de violino como professor no Salão do Conservatório Dramático Musical, ao lado de Mario de Andrade. Com o encerramento das atividades da Universidade Livre de São Paulo por conta de embates políticos, Cesar transfere seu curso para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). No início dos anos 1920, ainda como estudante de medicina da Faculdade da Praia Vermelha, é nomeado como primeiro médico-residente do Laboratório de Análises Clínicas e Bromatológicas do Asilo de Alienados do Juquery. Nesse mesmo período, Cesar passou a observar as manifestações artísticas dos internos do Juquery.

No Brasil, Cesar foi o pioneiro na sistematização dos estudos e pesquisas sobre as conexões entre arte-loucura, também conhecida como a *expressão artística dos alienados* ou *arte do inconsciente*. No início da década de 1920, como médico-residente no Juquery, criou a *Oficina de Artes Plásticas*, na qual defendia o trabalho livre dos internos na escolha dos temas, técnicas, materiais e com o mínimo de interferência do "orientador". Pautado pelos princípios mendelianos, prescrevia o *trabalho livre dos internos na escolha dos temas, técnicas, materiais e com o mínimo de interferência do orientador*. O pensador dialogava com as aproximações entre arte e loucura propostas por um grupo de jovens intelectuais parisienses que estabeleciam, naquele mesmo momento, os pressupostos do movimento surrealista: André Breton, Benjamin Péret, Louis Aragon, Phillip Soupát e Paul. Sobreviventes da Primeira Guerra Mundial, circunscrevem no primeiro *Manifesto Surrealista* (1924) sua revolta pela barbárie que dizimou parte da humanidade. As teorias freudianas também foram fundamentais na conformação da base do movimento, sobretudo a teoria dos sonhos, que subsidiou as proposições da expressão livre por meio do subconsciente.



Osório Cesar, por Quirino da Silva, 1933.

Osório Cesar e Durval Marcondes, médicos do Asilo de Alienados de Juquery, são reconhecidos como dois dos principais interlocutores brasileiros de Sigmund Freud. A dupla, mobilizada pelas teorias freudianas, participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1927), ao lado de Cesar Martinez, Flaminio Fávero, Francisco Franco da Rocha, Thomé Alvarenga, Raul Briquet, entre outros, e da seção carioca fundada por Juliano Moreira (1928).

Osório Cesar publicou, no final da década, a obra *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte* (1929). A sistematização organizada e difundida pelo autor nesse estudo foi considerada por pesquisadores uma obra de referência obrigatória não somente para aqueles que se dedicavam à psiquiatria, mas também para a arteterapia, a psicologia e, sobretudo, para a intelectualidade de nosso país. A obra tem prefácio assinado por Motta Filho, partidário dos ideais modernistas, advogado e escritor, que figura entre um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

A década de 1930 foi pontuada por períodos de estudos na Europa, sobretudo por uma passagem pela França e URSS. A participação no experimento do estudo das funções psíquicas (reflexos condicionados, incondicionados ou naturais) no Instituto de Medicina Experimental de Leningrado e no XV Congresso Internacional de Fisiologia



Osório Cesar e a esposa Olga de Barros Cesar.

em Leningrado-Moscou, presidido por Ivan Pavlov, é um dos momentos que marcaram sua trajetória. Nesse período, Cesar aproxima-se de pensadores como David Vigodsky, Henri Barbusse, Romain Rolland e Roy Franklin Barton, pesquisador do museu de Antropologia e Etnografia (MAE); e seu engajamento político, sobretudo seu interesse pelo marxismo, é evidenciado.

Em 1933, Osório Cesar e o artista Flávio de Carvalho organizam a *Semana dos Loucos e das Crianças*, exposições com desenhos de crianças de escolas públicas e particulares de São Paulo e produções dos internos do Juquery no Clube dos Artistas Modernos (CAM). Essa exposição é considerada por historiadores uma afronta às convenções sobre estética defendidas pela Escola Nacional de Belas Artes e também um dos marcos das discussões dos conceitos acerca das estéticas e rupturas da história da arte no Brasil depois da Semana de 1922.

Os anos 1940 são marcados por parcerias com artistas. Nesse período, residências, cafés, ateliês, galerias e salões consolidam-se como importantes núcleos de integração cultural, sobretudo da arte moderna, nos quais artistas, intelectuais e críticos de arte se reuniam para discutir, debater, estudar etc. Osório Cesar figura entre as personalidades que se destacaram como um dos personagens centrais desses grupos, ao lado de De Fiore, Paulo Rossi Osir, Lasar Segall, Sérgio Milliet e Adolpho Jagle.

A arte moderna é adotada como pauta de discussões por parte de críticos, muito mais que na década anterior. Mario de Andrade, Sergio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luis Martins, Ibiapaba Martins, Osório Cesar, Quirino da Silva, Ciro Mendes, Geraldo Ferraz, Roger Bastide, José Geraldo Vieira, Giuliana Giorgi, Maria Eugênia Franco são apontados como críticos atuantes, colaborando em periódicos de São Paulo e em algumas revistas de cultura, como *Clima*, *Fundamentos*, *Planalto* e *Revista Acadêmica*.

Nesse período, surge um coletivo dedicado ao estudo dos processos sinestésicos, com a aplicação de técnicas e associações imprevistas no campo da arte: o *Grupo de Cultura Musical*, formado pelo médico Adolpho Jagle, amigo de diversos modernistas. Tem entre seus associados e frequentadores ocasionais um expressivo número de artistas plásticos modernos, entre eles Bonadei, Zanini, Rebolo, Pennacchi, Manoel Martins, Waldemar Costa, Clóvis Graciano, Carlos Scliar, Alice Brill, Hilde Weber, Virginia Artigas, que são alguns nomes registrados no livro de presença.

Osório Cesar é um dos intelectuais engajados na luta da geração moderna pela afirmação de novas linguagens nas artes plásticas. Com o encerramento do *Grupo de Cultura Musical* por falta de recursos, as reuniões tiveram continuidade na residência de Osório Cesar. Elas tinham como proposta promover experimentos sensoriais por meio de exercícios de plasticidades sonoras na perspectiva ótico-científica, pautadas por teorias psicanalíticas, dos quais participavam Bonadei, Zanini, Walter Levy, Carlos Scliar e Gastão Worms. Esse período é denominado por Bonadei a fase das *Impressões Musicais* (1940-1944). Ainda que no campo história da arte a institucionalização do abstracionismo no Brasil seja tomada como "data-chave" a criação do Museu de Arte Moderna (1948), dirigido inicialmente pelo crítico francês Leon Degan, vinculado às correntes abstracionistas francesas, é possível afirmar que as experiências empreendidas por Cesar constituem a fase das raízes da *abstração* do pintor. Em certa medida, os experimentos de Cesar influenciaram a produção de Bonadei. O pensador é responsável pela redefinição dos elementos plásticos presentes na obra do artista. Embora os registros historiográficos indiquem que o período mais intenso dessas experiências seja entre 1942 e 1944, é possível notar indícios dessas discussões na segunda metade da década. As narrativas historiográficas indicam que Jagle e Cesar são os precursores das primeiras discussões acerca dos processos sinestésicos, com a aplicação de técnicas e associações imprevistas no campo da arte, nos quais se articulavam processos sensoriais auditivos, óticos e científicos.

Osório Cesar propôs e analisou as produções artísticas desencadeadas pelos princípios de plasticidade sonora, impulsionou os processos de ensino e aprendizagem na ELAP e articulou e divulgou as produções dos loucos do Juquery no Brasil e na Europa. A seção de artes, criada por Osório Cesar no Juquery, contou com a participação de artistas como: Maria Leontina, Clélia Rocha, Flávio de Carvalho, Lasar Segall (este se abrigou um período no Juquery para uma residência artística e, como resultado, produziu uma série de desenhos a bico-de-pena retratando o cotidiano dos internos), Aldo Bonadei, Moacyr de Vicentys, Niobe Xandó e a fotógrafa Alice Brill.

Na década de 1950, concentrado em seus estudos e pesquisas sobre os processos criativos, sobretudo na crítica de arte social, organizou exposições e conferências sobre a arte dos loucos do Juquery. Contribuiu em diversos periódicos (*Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Manhã*, *Última Hora*, *Correios do Amanhã*, *Tribuna*, entre outros) com artigos diários sobre temas relacionados à arte, ciência, educação, psicanálise, política e sociedade. Os resultados de seus estudos e as obras dos loucos do Juquery foram apresentados na Sociedade de Psicologia de Paris para mais de 200 médicos.

Para a elaboração e propagação de suas ideias, experimentos e teorias, Cesar circulava ao mesmo tempo entre as elites das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Argentina, Montevideú, Paris e Moscou. As interlocuções estabelecidas por Cesar no Brasil e na Europa demonstram que o pensador empreendeu vigoroso esforço para a aproximação cultural entre o Brasil e a União Soviética. Sua dedicação aos estudos sobre o sistema operário soviético e ao marxismo o levou à prisão política inúmeras vezes no governo de Getúlio Vargas.

As produções dos artistas loucos compõem os acervos: da Coleção de Sainte-Anne (*Collection Sainte-Anne*), do museu Collection de l'Art Brut, em Lausanne, do cineasta Bruno Decharme, da Associação de arte bruta ABDC – *Art Brut Diffusion & Connaissance*, entre outros.

Os estudos empreendidos por Osório Cesar no campo da arte e loucura contribuíram sobremaneira para a estruturação dos conceitos fundantes dos campos da arte-terapia, da arte-educação, da pedagogia, da psicologia e da psiquiatria. Nessa perspectiva, é premente reconhecê-lo como um intelectual com notável contribuição para a difusão da ciência e cultura brasileira no mundo.

Regiane Mendes

Jornalista e arte-educadora. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade do Educador (Feduc), mestre em História da Educação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC-SP, com projeto de pesquisa "Osório César: conexões entre psicologia, arte e educação (1920-1950).

Delitos virtuais e Psiquiatria Forense

Guido Arturo Palomba

O homem moderno passou por três grandes revoluções ideológicas e vive atualmente a quarta. A primeira se deu com Copérnico. Antes dele, a Terra e o homem eram o centro do Universo. Depois, com a concepção copernicana heliocêntrica, passaram a ser dois grãos de areia em uma praia desconhecida.

A segunda, por sua vez, foi com Charles Darwin. Antes, Deus fez o homem do barro, no 6º dia da criação. Com Darwin e a sua teoria da evolução, o ser humano tornou-se um mero descendente dos primatas.

A terceira revolução deve-se a Sigmund Freud, o descobridor do inconsciente. Anteriormente, *grosso modo*, o psiquismo era o que se podia apreender com os sentidos e processar com o intelecto. Com o Pai da Psicanálise, a mente manifesta mostrou-se dependente de outro mundo, o inconsciente, composto de vivências pregressas, sentimentos, impulsos, memórias etc., fatos tão importantes quanto os do mundo consciente.

Essas três grandes revoluções modificaram o modo de existir do homem. De Copérnico vieram as novas teorias astronômicas; de Darwin, as ricas concepções empregadas na Medicina comparada; e de Freud, a psicanálise e demais doutrinas semelhantes.

Porém, é preciso admitir uma quarta revolução, tão grande e poderosa quanto aquelas, que também modificou, extraordinariamente, a existência dos seres humanos. Qual seja: a informática, que se define como um ramo do conhecimento dedicado à informação por meio do uso de computadores ou de outros dispositivos de processamento de dados, a exemplo dos *smartphones*.

Embora o início da difusão da internet tenha ocorrido nos anos 1970 (e aqui, por justiça, o nome é Bill Gates), seja-nos permitido afirmar, como marco, que é na primeira

década do século XXI que se dá o uso generalizado da informática pelos seres humanos.

Para dar ideia ao leitor, no Brasil, que é um país em desenvolvimento, hoje, há mais celulares (240 milhões) do que habitantes (208 milhões), bem como mais de 100 milhões de computadores de mesa.

Recorde-se que em um só dia são dezenas de milhões de visitas ao Google, além dos acessos a jogos eletrônicos e a *sites* de todo o tipo. Isso sem falar das *selfies* e dos incontáveis aplicativos que surgem diariamente, como o tão conhecido Whatsapp. O número de pessoas sem acesso à tecnologia, que já é pequeno, vai desaparecer em pouco tempo, no Brasil e no mundo, lembrando que as crianças de tenra idade, há alguns anos, já estão desenvolvendo usando computadores no lugar de bonecas e de carrinhos.

O mundo não existe sem computador, tal qual não se pode cogitar que o inconsciente de Freud não é real, ou que a teoria da evolução de Darwin não procede ou que a Terra de Copérnico não é o centro do Universo.

Que isso tem que ver com a psiquiatria forense? Tem e muito: são os delitos virtuais, como pedofilia, *bullying*, disseminação de vírus, lojas virtuais falsas, divulgação de material confidencial, apologia ao crime e ao suicídio coletivo, discriminação social, para citar apenas alguns deles, que podem estar ligados a condutopatas (psicopatas), paranoicos, toxicômanos e tantos outros anormais.

Os delitos virtuais, próprios da descrita quarta revolução, são estímulos interessantes e desafiadores para os que se dedicam à psiquiatria forense.

Guido Arturo Palomba

Psiquiatra Forense e Diretor Cultural Adjunto da APM.

Analogias em Medicina (n. 45)

NINHO DE PELOS NA DOENÇA DO JIPE

A doença pilonidal é uma condição patológica inflamatória/cística e frequentemente associada à infecção. Caracteriza-se por um sínus epidérmico e um processo inflamatório profundo, atingindo até o subcutâneo e com formação de um cisto, em cujo interior se encontram pelos. Pode localizar-se nas axilas e virilhas, nos espaços interdigitais, na nuca, nos pés e em cotos de amputação. Porém, é muito mais frequente na região sacrococcígea.

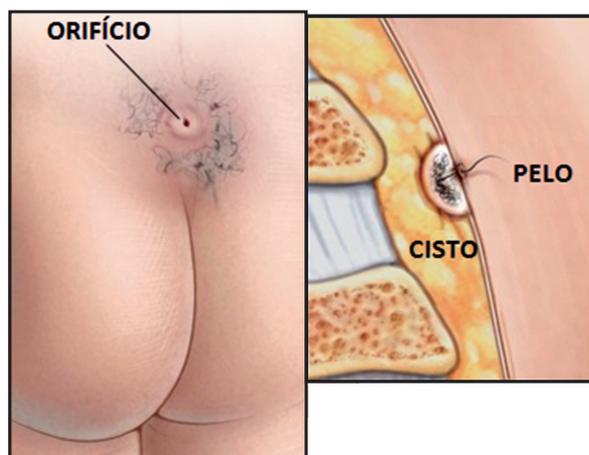
Atribui-se a Herbert Mayo, em 1833, a primeira descrição da doença pilonidal sacrococcígea e a A. W. Anderson a segunda referência a ela em 1847. Entretanto, R. M. Hodges, em 1880, foi o primeiro médico a usar a denominação *pilonidal cyst*. A descrição do Dr. Hodges conceituou literalmente a doença naquela época: uma "cavidade com ninho de pelos" (em inglês, *a nest of hairs*). Sem dúvida, uma analogia arquitetural com um ninho de pássaro. O termo "cisto" significa cavidade, e pilonidal significa "ninho de pelos" e é derivado das palavras latinas: *pilus*, pelo, e *nidus*, ninho. Contudo, em aproximadamente 25% dos casos, não são encontrados pelos na lesão.

Existem várias teorias para explicar o surgimento da doença pilonidal. Embora anomalias congênitas relacionadas ao fechamento do canal neural possam ocorrer nesta área, acredita-se atualmente que a grande maioria dos seios pilonidais tenha uma patogênese adquirida. Segundo alguns, a afecção resultaria da sucção de pelos da pele, que penetrariam até o subcutâneo, formando um cisto com granulomas tipo corpo estranho.

Há referências de que a doença pilonidal é mais comum em pessoas obesas, que se submetem a trauma ou irritação na região interglútea, têm excesso de pelos no corpo, ficam sentadas por longo tempo e usam roupas apertadas. Incide mais em homens, brancos e peludos, sendo muito rara nas raças negra e amarela. Responde ainda por uma taxa significativa de absenteísmo (falta ao emprego) em países industrializados.

A doença pilonidal foi também causa importante de baixas hospitalares entre combatentes da II Guerra Mundial e da Guerra do Vietnã. Mais de 80% dos soldados portadores de cisto pilonidal precisaram ser

hospitalizados. A doença foi apelidada de *jeep riders' disease* (doença dos viajantes de jipe) ou simplesmente doença do jipe (*jeep disease*) porque grande parte das pessoas/motoristas a desenvolveu após andar em jipes, por vezes em percursos longos e em terrenos acidentados. Os microtraumas de repetição na região interglútea seriam a causa do processo.



Fonte: Mayo Foundation for Medical Education and Research (modific.).

O diagnóstico da doença, na maioria das pessoas, só é feito após o paciente ter sofrido uma infecção do cisto e apresentar os sinais flogísticos clássicos, como edema, rubor, calor e dor no local. Esta última é muito intensa, levando o paciente a procurar o médico, que normalmente intervém, drenando um abscesso recém-formado. Raros casos de carcinoma espinocelular foram relatados no interior do cisto pilonidal.

(Texto baseado em autores nacionais e estrangeiros.)

José de Souza Andrade Filho

Professor de Patologia na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.



coluna do livro

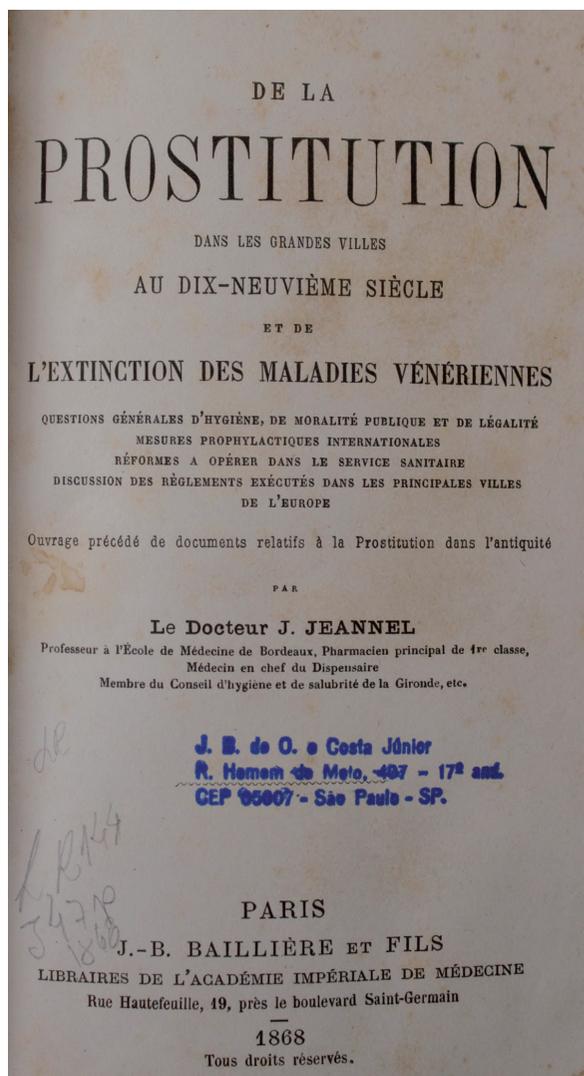
De la prostitution



Obra modelar da Medicina sobre a prostituição, dividida em duas partes. O autor, J. Jeannel, professor de Higiene e Salubridade da Escola de Medicina de Bordeaux, descreve pormenorizadamente, na Parte 1, a história da prostituição, desde os tempos imemoráveis, abordando os lupanares históricos, os exploradores do meretrício, o recrutamento das prostitutas etc.

A Parte 2 trata da prostituição dentro dos grandes centros no século XIX, as doenças venéreas, os métodos de tratamento, os serviços sanitários, bem como as leis que regem a matéria e as conclusões gerais.

O livro foi editado em Paris, 1868, pela Baillière et Fils, com 416 páginas, capa original (necessitando restauro), em papel marmorizado e lombada em *chagrin*. Doado à APM por João Baptista de Oliveira e Costa Júnior, em 1989.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.